



FOLHA DOMINICAL

Domingo XXV do Tempo Comum

Primeira Leitura (Sab 2, 12.17-20)

Disseram os ímpios: «Armemos ciladas ao justo, porque nos incomoda e se opõe às nossas obras; censura-nos as transgressões à lei e repreende-nos as faltas de educação. Vejamos se as suas palavras são verdadeiras, observemos como é a sua morte. Porque, se o justo é filho de Deus, Deus o protegerá e o livrará das mãos dos seus adversários. Provemo-lo com ultrajes e torturas, para conhecermos a sua mansidão e apreciarmos a sua paciência. Condenemo-lo à morte infame, porque, segundo diz, Alguém virá socorrê-lo.

A passagem inscreve-se na apresentação que o autor do *Livro da Sabedoria* faz dos «ímpios» (1,16-2,24). Pela época em que o livro foi redigido, pode referir-se a judeus que renegaram a sua fé face à cultura helenista. Aqui, é recolhido parte do discurso proferido pelos mesmos, através do qual se questiona a forma como tratam os «justos». Precede a descrição do trato duro que dispensam aos fracos (2,10-11), sendo que os justos são os que mais os incomodam. Neste livro, é considerado «justo» quem cumpre a *Lei de Moisés*, que, por vezes, é colocada em paralelo com a própria sabedoria. O justo interfere na vida dos ímpios e dificulta a realização dos seus planos. Por isso, armam uma emboscada e detalham como executá-la. O objetivo não é apenas livrar-se dos justos, mas, sobretudo, provar que não têm razão. Os insultos e tormentos testarão a sua resistência, mas, acima de tudo, «se é filho de Deus». Partem da ideia de que Deus virá em seu auxílio como pai. No entanto, se conseguirem assassiná-lo, terão razão. O texto não dita o desfecho, mas sugere que tal aconteceu. O justo não é uma pessoa específica, mas uma figura prototípica que representa os justos em geral, cercados de provas e dificuldades por causa da sua fé, enfrentando pessoas que procuram o seu mal. O texto questiona a crença judaica na retribuição, embora este livro antecipe uma recompensa maior, ao declarar que «a sabedoria é imortal» (1,5). A descrição do destino glorioso do justo é adiada até ao capítulo 5, onde será exposta em contraste com o destino dos ímpios.

Segunda Leitura (Tg 3, 16 – 4, 3)

Caríssimos: Onde há inveja e rivalidade, também há desordem e toda a espécie de más ações. Mas a sabedoria que vem do alto é pura, pacífica, compreensiva e generosa, cheia de misericórdia e de boas obras, imparcial e sem hipocrisia. O fruto da justiça semeia-se na paz para aqueles que praticam a paz. De onde vêm as guerras? De onde procedem os conflitos entre vós? Não é precisamente das paixões que lutam nos vossos membros? Cobiçais e nada conseguis: então assassinais. Sois invejosos e não podeis obter nada: então entrais em conflitos e guerras. Nada tendes, porque nada pedis. Pedis e não recebeis, porque pedis mal, pois o que pedis é para satisfazer as vossas paixões.

O autor aborda o tema da sabedoria, que está presente desde o início da carta juntamente com o da fé (Tg 1,5-6). Procura destacar a sua dimensão prática, não o seu aspeto dogmático ou intelectual. A passagem começa por constatar a realidade de quem vive numa falsa sabedoria: invejas, rivalidades, turbulências e más ações. Tudo isto é oposto à «sabedoria que vem do alto». Tal como acontece com a fé, também a sabedoria se manifesta no comportamento. Não há sabedoria que implique violência ou mentira. Os destinatários parecem estar imersos nesta experiência polémica e, por isso, o autor tenta mostrar a causa dessas controvérsias para instaurar uma dinâmica alternativa. A descrição da «sabedoria que vem do alto» é feita através de qualificativos que revelam o seu caráter prático e a sua natureza pacífica e pacificadoras: pura, pacífica, compreensiva e generosa, cheia de misericórdia e de boas obras, imparcial e sem hipocrisia. Os conflitos e lutas entre os membros da comunidade estão ligados a um combate que ocorre no interior das próprias pessoas. Este combate situa-se na origem das disputas comunitárias, e o seu desencadeante é a procura de prazer. O autor expressa a frustração em relação a esses desejos que se manifestam na realidade e a violência a isso associada. Apresenta como alternativa para alcançar os próprios desejos sem eliminar o pedido. O autor concorda aqui com a promessa de Jesus: «Pedi e recebereis» (Mt 7,7).

Evangelho (Mc 9, 30-37)

Naquele tempo, Jesus e os seus discípulos caminhavam através da Galileia. Jesus não queria que ninguém o soubesse, porque ensinava os discípulos, dizendo-lhes: «O Filho do homem vai ser entregue às mãos dos homens, que vão matá-l'O; mas Ele, três dias depois de morto, ressuscitará». Os discípulos não compreendiam aquelas palavras e tinham medo de O interrogar. Quando chegaram a Cafarnaum e já estavam em casa, Jesus perguntou-lhes: «Que discutíeis no caminho?». Eles ficaram calados, porque tinham discutido uns com os outros sobre qual deles era o

maior. Então, Jesus sentou-Se, chamou os Doze e disse-lhes: «Quem quiser ser o primeiro será o último de todos e o servo de todos». E, tomando uma criança, colocou-a no meio deles, abraçou-a e disse-lhes: «Quem receber uma destas crianças em meu nome é a Mim que recebe; e quem Me receber não Me recebe a Mim, mas Àquele que Me enviou».

O excerto do Evangelho deste domingo pertence à segunda parte do evangelho de Marcos, onde Jesus atravessa a Palestina de norte a sul a caminho de Jerusalém, juntamente com os seus discípulos. Ao longo deste percurso, a sua atividade pública diminui, passando Jesus a concentrar-se em instruir os seus seguidores sobre o significado do seu destino. A passagem começa com um novo anúncio da paixão, mais breve que o primeiro (Mc 8,31), mas mais preciso. Os discípulos reagem com medo. Não contradizem Jesus, mas também não se atrevem a questioná-lo. O seu medo revela que não possuem uma fé sólida, mas isso não os impede de começar uma discussão sobre quem é o mais importante. Com isso, mostram a sua incompreensão e o quanto distantes estão de Jesus. Esta discussão dá lugar a uma nova lição: a verdadeira grandeza mede-se pela disposição para servir. O gesto simbólico de colocar uma criança no centro já concretiza esta exigência. Refere-se à preocupação pelos mais negligenciados, em oposição à procura incessante de prestígio pessoal. Jesus aponta aqui para uma inversão de valores, onde o discípulo deve ajudar aqueles que não têm grandeza e fazê-lo a partir de uma posição de humildade. O próprio Jesus identifica-se com os que não têm destaque social, com os fracos e indefesos. O facto destas palavras serem dirigidas aos Doze indica que o autor tem em mente, não todos os membros das comunidades em geral, mas aqueles que desempenham um papel de autoridade.

Deus nas letras humanas

Seja uma folha de papel com nada escrito.
Seja um lugar no chão onde nada cresce,
onde algo possa ser plantado,
uma semente, possivelmente, do Absoluto.

Rumi

Avisos Paroquiais | 22 a 29 de setembro

22 | XXV Domingo do Tempo comum

23 | Reunião com os Ministros extraordinários da comunhão | 21:30

26 | Reunião com o Conselho Económico Paroquial | 21:30

27 | Adoração ao Santíssimo | 17:00 e Confissões | 18:00

Reunião com o Secretariado da catequese | 21:30

28 | Retiro de catequistas | 09:00 | Cortegaça

Estão abertas as inscrições para todos os adultos que desejem preparar-se para o sacramento da confirmação (crisma).

Estão abertas as inscrições para os adultos que desejem receber o sacramento do Batismo. Para iniciar o seu processo catecumenal, devem inscrever-se na secretaria do Centro Pastoral.

Estão abertas as inscrições para a peregrinação a Fátima no próximo dia 5 de Outubro. Quem desejar participar, como é habitual, deverá passar pela secretaria para adquirir o seu ingresso.